Capítulo 37

As transformações políticas: Inglaterra, Sacro Império, Itália e Península Ibérica

1. Inglaterra

Em 1066, o duque normando Guilherme, o Conquistador, partiu da Normandia para conquistar a Inglaterra e venceu o herdeiro legal, Haroldo. Guilherme dizia que Eduardo, o Confessor, lhe havia deixado o trono em herança.

Graças a Guilherme, a nobreza inglesa tornou-se menos poderosa que a francesa. Não havia feudos grandes e todo senhor jurava fidelidade ao rei. O país foi dividido em condados, governados por *xerifes*. O rei tinha mais controle sobre os súditos do que o rei da França, de quem era vassalo.

Henrique II — De origem francesa, Henrique (1154-1189) nem falava inglês. Foi poderoso, como Guilherme. Reunia a Grande Assembléia três vezes por ano. Nomeou juízes que percorriam os condados, presidindo tribunais em que os jurados levantavam provas testemunhais, origem do júri.

Pela *Constituição de Clarendon* (1164), Henrique tentou abolir a autonomia judiciária da Igreja, contra a oposição do bispo de Cantuária, Thomas Becket, que acabou assassinado. Ameaçado de excomunhão, Henrique se penitenciou, peregrinando ao túmulo de Becket. Apesar do insucesso, Henrique continuava poderoso. Iniciou a conquista da Irlanda, em 1171.

João Sem-Terra — Em seu governo (1199-1216), a política externa foi mal conduzida. Perdeu feudos ingleses na França, no choque com Filipe Augusto. Recusou-se a reconhecer o bispo de Cantuária, Estêvão Langton, e foi excomungado. O papa ofereceu a coroa inglesa a Filipe, que desembarcou em Dover em 1213, João teve de se submeter ao papa.

Em 1215, os barões ingleses impuseram a João Sem-Terra a *Carta Magna*: o rei não podia baixar impostos sem consentimento do Grande Conselho, composto de prelados, barões e condes; nenhum homem livre podia ser preso sem julgamento; se o rei violasse a lei, perderia terras e bens. A Carta deve ser considerada o fundamento das liberdades inglesas.

Henrique III — Filho de João Sem-Terra, Henrique III (1216-1272) foi detestado por aproximar-se dos conselheiros estrangeiros. Suas desastradas iniciativas militares levaram o Grande Conselho, já chamado de Parlamento e dirigido por Simon de Montfort, a impor-lhe certas reformas, as *Provisões de Oxford* (1258), que transferiam o poder para a nobreza. Sucedeu-se uma guerra civil e o rei foi preso. Durante a luta, o talentoso Simon convocou o *Grande Parlamento*, aí incluídos também cavaleiros dos condados e gente do povo, a burguesia. Foi o primeiro Parlamento inglês de caráter nacional. Simon foi despótico e, após sua morte, Henrique recuperou o poder.

Eduardo I — As guerras contra escoceses e gauleses obrigaram Eduardo I (1272-1307) a convocar regularmente o Parlamento, verdadeira assembléia representativa da nação inglesa. A casa cresceu tanto em poderes, que depôs Eduardo II em 1327 e pôs seu filho Eduardo III no lugar. Por volta de 1350, o Parlamento se dividia em: *Câmara dos Lordes*, de prelados e barões; e *Câmara dos Comuns*, de cavaleiros e burgueses.

Enquanto a França caminhava para o absolutismo, a Monarquia inglesa evoluía do poder absoluto para a Monarquia constitucional.

Ricardo II, neto de Eduardo III, foi um incapaz. Seu primo Henrique de Lancaster o depôs e se fez reconhecer rei pelo Parlamento, como Henrique IV. A Dinastia Plantageneta deu lugar à Dinastia de Lancaster. Os inimigos de Henrique IV e Henrique V se agruparam em torno dos duques de York, descendentes de Eduardo III que queriam o trono. O conflito, iniciado em 1450, ficou conhecido como *Guerra das Duas Rosas*: a branca, dos York; a vermelha, dos Lancaster. Em 1461, Eduardo IV, um York, tornou-se rei. Morto em 1483, recomeçou a guerra, por causa da crueldade de Ricardo III, seu irmão e sucessor.

Em 1485, Henrique Tudor, genro de Eduar-

do IV, Lancaster por parte de mãe, reconciliou os grupos e, com o nome de Henrique VII, iniciou a Dinastia Tudor, que implantaria o absolutismo na Inglaterra.

2. Evolução do Sacro Império

A eleição de Frederico Barba-Ruiva, em 1152, aliviou a tensão entre as duas grandes casas alemãs, os Welfs e os Staufen, pois ele descendia das duas famílias. Frederico tinha objetivos ambiciosos demais: reimplantar a autoridade alemã na Itália e impedir o papado de ter papel político. Ele destruiu Milão em 1162, mas passou a sofrer derrotas em 1167, quando as cidades do norte da Itália formaram a Liga Lombarda. Frederico foi obrigado a assinar a paz.

Reconciliado com os lombardos em 1183, Barbarruiva estendeu sua autoridade sobre Boêmia, Hungria e Dinamarca. Casou o filho Henrique VI com a herdeira do trono da Sicília, ampliando sua área de influência. Morreu em 1190, após participar da Terceira Cruzada.

O sucessor, Henrique VI, morreu logo, deixando o herdeiro Frederico II, com meses de idade. O papa Inocêncio III tornou-se tutor do reino e destacou-se como expressão política: convocou a Quarta Cruzada, excomungou João Sem-Terra, combateu hereges do sul da França e aprovou as primeiras ordens de Frades Pregadores e Irmãos Menores.

Frederico II, herdeiro do trono da Sicília, retomou a política do avô Barbarruiva e invadiu a Itália. O papa Inocêncio IV, refugiado em Lyon, convocou um Concílio, que depôs Frederico em 1245. Ele morreria cinco anos depois.

3. Composição política da Itália

A Itália estava dividida no século XIII. Ao norte, ao lado de Estados feudais, havia pequenas repúblicas, com suas capitais: Milão, Veneza, Verona, Gênova, Siena. Mais abaixo, os Estados pontifícios. No sul, o Reino da Sicília. O conflito entre papado e Império Germânico impedia a unidade política.

A intervenção papal na política levou alguns chefes italianos a apoiar o imperador germânico, formando o partido imperial, dos *gibelinos*; os partidários do papa eram os *guelfos*. A luta entre os dois ensangüentou a Itália. Mas as cidades do norte se desenvolveram, passando a desempenhar extraordinário papel político.

4. Evolução da Península Ibérica

Os reinos cristãos visigóticos, formados ao norte da Península Ibérica durante a conquista árabe, iniciaram a reconquista no século XI, fazendo os muçulmanos recuar para o litoral. A Batalha de Las Navas de Tolosa, em 1212, quando os cristãos, comandados por Pedro II de Aragão, derrotaram os muçulmanos, marca os passos finais da ocupação.

Formaram-se Estados independentes, como Aragão, Castela, Navarra e Leão. De Leão se separou o Estado de Portugal. Da união dos quatro reinos se formaria a Espanha, consolidada em 1492 com a expulsão dos mouros de Granada. O casamento do herdeiro do trono de Aragão, Fernando, com a irmã do rei de Castela e Leão, Isabel, deu origem oficial à Espanha em 1469.

Questões propostas

1. Como começa a formação da Inglaterra moderna?

2. Como Henrique II continuou a política de Guilherme, o Conquistador?

3. O que aconteceu durante o reinado de João Sem-Terra?

4. Qual o fato político marcante do reinado de Eduardo I?

5. Estabeleça a comparação: que caminhos inversos tomavam os regimes políticos na Inglaterra e na França?

6. O que desencadeou e o que pôs fim à Guerra das Duas Rosas?

7. Que política desenvolveu o soberano alemão Frederico Barba-Ruiva?

8. Que quadro político encontramos na Itália do século XIII? Qual a causa de tal quadro?

9. Resuma a evolução da Península Ibérica a partir do século XI.